

## Extensão

Iniciativa leva a sétima arte pela primeira vez para povoado humilde de Glória

10

## Exposição

História do IFS será contada durante a 16ª Semana de Museus

9

## Vida livre

Recém-chegada da licença sem vencimentos, servidora percorreu o Brasil ao som do seu triângulo

12

**Prévia**  
Jornal interno dos colaboradores do IFS  
Vol. 1, Nº 15, Maio 2018 ISSN: 2527-0397



# A Engrenagem do Processo Seletivo

Os números não mentem: são 246 pessoas que, de algum modo, envolvem-se no período entre planejar o calendário e divulgar o resultado final do Processo Seletivo. Esse grande número de pessoas é capitaneado por um setor que tem apenas três servidoras, mas que não pensam duas vezes em dar o seu melhor para selecionar para o IFS os alunos mais capazes. O último Processo Seletivo é a maior prova: foram mais de 10 mil inscritos para os cursos de nível médio e superior. Confira a partir da página 6 uma reportagem que faz a radiografia de todo o processo e mostra a relevância da atribuição de receber novos alunos

6

## Palavra do reitor

# Consulta pública à vista

No último dia 26 de abril, o Conselho Superior (Consup) do IFS aprovou a deflagração do processo de consulta pública à comunidade acadêmica para escolha de reitor e diretores gerais dos campi Aracaju, Glória, Itabaiana, Estância, Lagarto e São Cristóvão. Na sexta, dia 3 de maio, foi publicada uma portaria que designou membros do Consup para compor a Comissão Central que irá conduzir a escolha das Comissões Eleitorais dos campi. Todos esses trâmites deixam claro que está muito próximo de a comunidade acadêmica escolher os seus novos representantes.

O processo de consulta à comunidade acadêmica para escolha de reitor e diretores gerais é um grande exemplo de democracia nos Institutos Federais, ajudando a transformar os nossos estudantes em cidadãos críticos e conscientes. Participando desse momento, os alunos aprendem a observar a trajetória dos candidatos, a avaliar o que a instituição necessita prioritariamente e a ponderar a aplicabilidade das propostas. Ou seja, os discentes aprendem a participar de um processo, guardadas as devidas proporções, com as mesmas características do que é conduzido pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) a cada dois anos.

A relação entre a importância do processo de consulta pública dos Institutos Federais e a perspectiva de um País melhor é direta. Um aluno que é estimulado a participar do período democrático institucional e a discernir sobre todos os aspectos citados no parágrafo anterior, conseqüentemente o fará também da mesma forma quando do momento de eleições para vereador, deputado estadual, deputado federal, senador e presidente. Ao formar técnicos ou tecnólogos, o IFS dá à sociedade não apenas um profissional de qualidade no que diz respeito às competências ligadas à determinada área do conhecimento, mas um cidadão consciente do seu papel no mundo. E assim fornece os alicerces ainda mais sólidos para uma transformação social.

Além dos estudantes, a consulta pública ajuda a professores e técnico-administrativos do IFS a escolherem o reitor e os diretores gerais dos campi - não existe prova de participação social maior do que essa em uma organização. Então, desejo a toda a comunidade acadêmica: aproveitem com entusiasmo este grande momento da democracia institucional.

Prof. Ailton Ribeiro de Oliveira

## Editorial

Sejam todos bem-vindos à edição de maio do A Prêvia. Neste mês, trazemos uma entrevista com Sérgio Costa Filgueiras, que está à frente do Campus Tobias Barreto desde 2014. A conversa com o diretor geral dessa estratégica unidade do IFS é oportuna: o campus será próximo da instituição a ganhar uma sede definitiva - a inauguração está prevista para o próximo semestre. Durante o papo, Sérgio explica os desafios que teve de enfrentar quando assumiu a unidade ainda no começo das atividades e as perspectivas de crescimento para os próximos dez anos.

A reportagem de capa, por sua vez, trata de um tema de interesse tanto do público interno quanto do externo: o processo seletivo. Mas, calma, não vamos falar de datas de provas, editais, conteúdo programático, cursos, etc. afinal essas informações já são divulgadas no nosso site. Tratamos, enfim, do que não está visível no processo de escolha de novos estudantes - ou seja, quanto é mobilizado institucionalmente no que toca a pessoal para que consigamos dar cabo de selecionar novos alunos? A reportagem traz números bastante impressionantes e só mostra o quanto devemos valorizar os profissionais responsáveis por conduzir essa complexa "engrenagem".

Outro quadro tradicional e que gera bastante expectativa é o 'Qual o seu Talento?'. E essa seção do A Prêvia vem de uma forma diferente neste mês: pela primeira vez, a personagem do quadro também é a autora do texto. Isso mesmo: a assistente em administração, com formação em jornalismo, Andrézza Castro escreveu em primeira pessoa sobre a sua relação com a música e, de quebra, ainda contou um pouco do seu pedido de licença sem vencimento de dois anos para, literalmente, colocar o pé na estrada.

Boa leitura!

### Expediente:

Editor: **Geraldo Bittencourt (DRT/BA 3347)**

Repórteres: **Geraldo Bittencourt (jornalista), Sara Andrade Florêncio (bolsista de jornalismo), Ana Carla Rocha (jornalista) e Andrézza Castro (jornalista)**

Diagramação: **Thiago Estácio**

**Jornal interno do Instituto Federal de Sergipe.**

**Circulação mensal.**

Impressão: Editora **Instituto Federal de Sergipe**  
Av. Jorge Amado, 1551 - Loteamento Garcia, Bairro Jardins,  
Aracaju, SE  
ISSN: 2527-0397

## No sofá com Sérgio Costa

No dia 28 de março, o Instituto Federal de Sergipe inaugurou a sede definitiva do Campus Itabaiana. Após a entrega da nova unidade de ensino do agreste sergipano, a sede que se encontra em estágio mais avançado para inauguração é a do Campus Tobias Barreto, cujas aulas estão previstas para acontecer no novo espaço no segundo semestre deste ano. Com uma forte vocação comercial através da indústria têxtil, o município que recebe o nome do famoso escritor sergipano ganhará uma unidade de ensino técnico e tecnológico com os recursos mais modernos para a oferta da educação de qualidade. Sérgio Costa Filgueiras é o diretor da unidade desde 2015 e conversa com o A Prêvia sobre as perspectivas que se descortinam para o IFS no município.

### Você está há cerca de 3 anos à frente do Campus Tobias Barreto. Como você avalia o desafio de gerir um campus no início das atividades?

Toda e qualquer atividade pioneira apresenta dificuldades e grandes desafios. Não foi diferente com o Campus Tobias Barreto nesses quatro primeiros anos. Tivemos que começar do marco zero, num prédio cedido pela Administração com pouca estrutura. Só com muito trabalho e dedicação conseguimos estabelecer um padrão mínimo para o exercício das nossas atividades. Vale destacar que em todas as conquistas atribuídas ao Campus Tobias Barreto tivemos o apoio total da Reitoria e dos servidores que estão conosco e também daqueles que já passaram por lá.

### Tobias Barreto é conhecida como uma cidade de forte comércio, especialmente o têxtil. Como é a relação do campus com o mercado produtivo?

Os cursos ofertados foram implantados observando-se o arranjo produtivo local e a demanda de mão-de-obra exigida pelo mercado. Também tempos procurado estabelecer parcerias com o empresariado local, através do Clube de Diretores Lojistas (CDL) no sentido de prospectar informações, objetivando a implantação de novos cursos que possam capacitar os colaboradores que atuam no setor têxtil local.

### O Campus Tobias Barreto está perto de ganhar uma sede definitiva. Quais as possibilidades que se descortinam com o novo espaço?

As perspectivas são bastante alvissareiras, uma vez que as dependências da nova sede possuem uma estrutura muito moderna e atualizada, que proporcionará aos nossos alunos e servidores bastante conforto e um ambiente de aprendizagem extremamente favorável. Nesse contexto, torna-se muito mais fácil o desenvolvimento das nossas atividades acadêmicas e a captação de novos alunos.

### Quais os maiores desafios hoje do campus para se consolidar no município?

O município de Tobias Barreto, por ser uma região com uma vocação muito grande para o comércio, possui jovens que buscam muito cedo algum tipo de empreendimento e, muitas vezes, não têm como prioridade a busca pelo conhecimento acadêmico. Para superarmos essa dificuldade, faz-se necessário uma atuação mais profícua no sentido de sensibilizar esse público sobre a necessidade de se

buscar o conhecimento como ferramenta para se inserir num mercado cada vez mais global e competitivo.

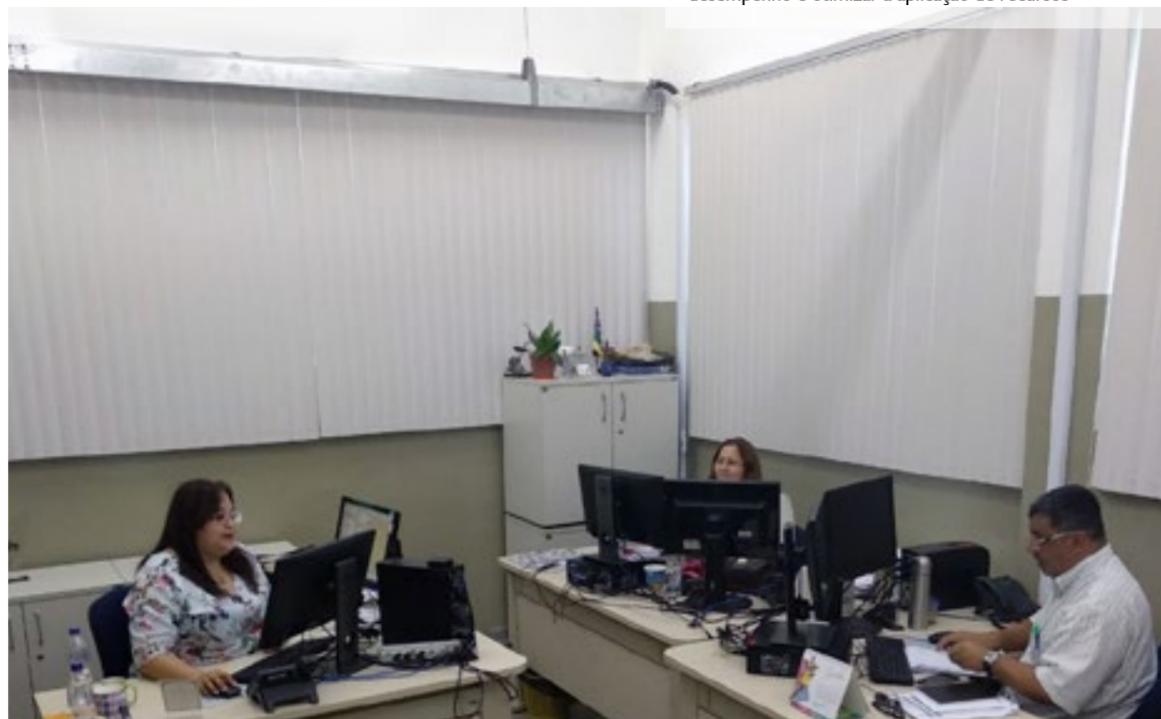
### Como você vislumbra o campus daqui a 10 anos?

Vislumbramos e ansiamos por um campus plenamente ativo e agente transformador da sociedade local e das regiões adjacentes. Esperamos que daqui a dez anos centenas de jovens munícipes possam se beneficiar dos conhecimentos adquiridos através dos nossos cursos e que a sociedade local possa enxergar o campus como uma referência na área de ensino técnico e tecnológico. **p**

Sérgio Costa busca aproximação com o empresariado local para ofertar cursos em sintonia com as necessidades do município



Escritório de Governança de TI atua para garantir ampliar os processos de segurança, ampliar o desempenho e otimizar a aplicação de recursos



Julio César Pacheco

## TI 5 estrelas

*Tribunal de Contas da União posiciona o IFS como o segundo melhor em governança de TI entre os institutos federais de todo o país*

O Tribunal de Contas da União (TCU) divulgou, no dia 25 de abril, os dados do levantamento feito em 2017, que buscou sistematizar informações sobre a situação de governança pública e gestão em organizações federais. Na classificação divulgada sobre as boas práticas na área de governança de TI, o Instituto Federal de Sergipe (IFS) alcançou o segundo lugar entre os institutos federais de todo o país.

Pela primeira vez, o Tribunal torna públicas as informações sobre cada instituição, com gráficos detalhados, que desdobram os contextos da análise. Cada uma delas também recebeu um relatório de feedback por área, comparando-a com o seu setor de atuação e com o estado geral da administração pública federal. Dessa forma, o TCU fornece instrumentos tanto para a sociedade quanto para a organização se planejar para melhorar seu nível de governança.

Para Júlio César Pacheco, diretor de tecnologia da

informação, o levantamento de governança realizado em 2012 foi utilizado como referência para o planejamento das ações de TI, atendendo, inclusive, a recomendações da auditoria interna do IFS. “O engajamento de servidores de TI nos grupos de trabalho criados para implantação dessas práticas e o apoio da alta administração foram decisivos para a significativa evolução em todas as dimensões”, aponta o diretor.

O trabalho do TCU foi realizado em duas etapas. Na primeira, houve a integração dos questionários referentes aos quatro levantamentos realizados anteriormente pelo Tribunal em gestão em tecnologia da informação (TI), contratações, gestão de pessoas e resultados. Na segunda fase, 524 organizações federais responderam a um questionário integrado, sendo 488 respostas válidas. O levantamento faz parte de processo relatado pelo ministro Bruno Dantas e levado à sessão plenária do TCU

em 21 de março. As recomendações e determinações da Corte de Contas integram o Acórdão 588/2018 – Plenário.

### Governança pública

Além de alcançar o segundo lugar na lista de classificação que trata sobre governança em TI, o IFS está bem posicionado no ranking de governança pública, que observa aspectos gerais, como o modelo de gestão da instituição, o zelo pelos princípios éticos e a transparência na disponibilização das informações ao cidadão. Nos 10 quesitos avaliados nessa etapa, o IFS esteve acima da média

entre todas as organizações públicas em cinco categorias. Ao se levar em conta as instituições de ensino, esse número aumenta para oito.

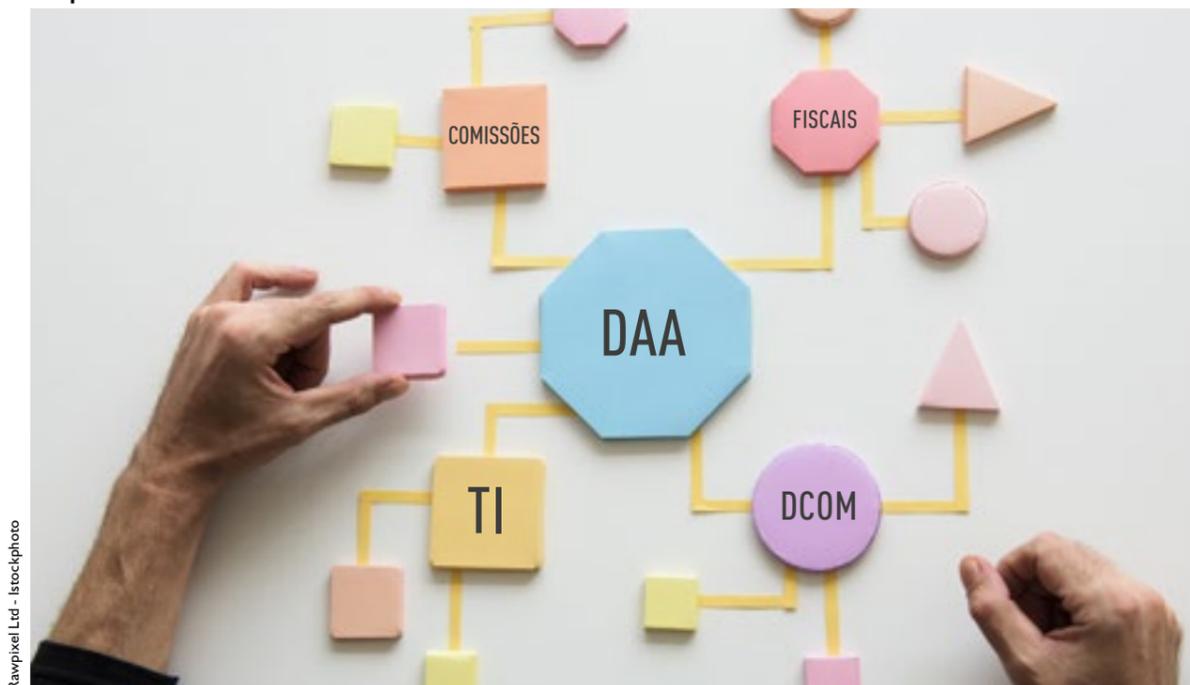
De acordo com o reitor do IFS, Ailton Ribeiro de Oliveira, os constantes resultados positivos ligados às boas práticas de gestão no serviço público divulgados por organizações de credibilidade, como o TCU, mostram o compromisso de gestores, servidores e colaboradores na construção de uma instituição melhor. “Saímos, da posição 77, entre as 88 avaliadas, em 2012, para o 2º lugar agora em 2018. Os números mostram o acerto das ações empreendidas em tecnologia da informação”.

P

### COMPOSIÇÃO DO UNIVERSO DE ANÁLISE



Ascom TCU



## Um quebra-cabeças de 246 peças

*Elaborar edital, acompanhar evolução de inscrições, divulgar lista de inscritos, preparar locais de prova, selecionar fiscais, confeccionar prova e ainda pensar na sua aplicação... Cansou de ler? Você perderia ainda mais as forças se colocasse a mão na massa nessa engrenagem que envolve a principal porta de entrada para o ensino técnico e tecnológico, o processo seletivo. E os números impressionam: profissionais de mais de 10 setores mergulham de cabeça em todas as suas etapas.*

Após efetuar a sua inscrição no conforto da sua casa usando o computador e realizar o pagamento da taxa de inscrição via internet banking há cerca de um mês, Victor Di Fiori acabou de conferir a lista com os nomes e os respectivos locais de prova dos candidatos que vão disputar uma das vagas no processo seletivo do Instituto Federal de Sergipe (IFS). No domingo, dia 27, ele e mais cerca de 4 mil pessoas vão encontrar espaços limpos e arrumados, provas preparadas e divididas por sala e um exército de fiscais que foram treinados previamente para conduzir a aplicação do exame com o menor índice de erros possível. O que Victor e os seus concorrentes sequer imaginam é que aquele momento é o resultado do esforço produtivo de 246 servidores de mais 10 setores da instituição. E você acha que acaba por aqui? A resposta é simples: não. Depois que o sino toca e as provas são recolhidas, entra em campo um outro grupo que vai pensar na correção e na divulgação dos resultados. Essa engrenagem de números expressivos que não deixa de girar um minuto sequer tem uma mãe: a Diretoria de Assun-

tos Acadêmicos (DAA), setor que está diretamente ligado à Pró-reitoria de Ensino (Proen).

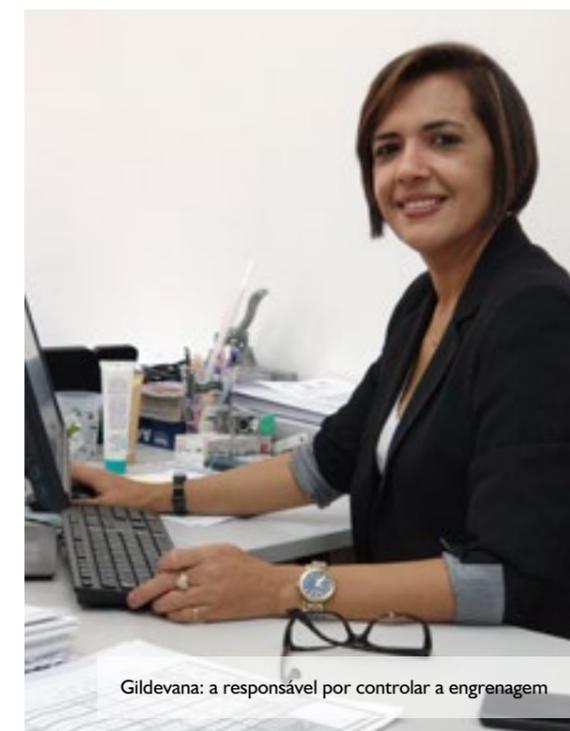
A ideia principal para entender o funcionamento do Processo Seletivo é a de que as atividades não iniciam no dia da divulgação do edital e não acabam com a publicação dos resultados. Os calendários, por exemplo, são definidos cerca de seis meses antes, a partir de bases legais, para só depois serem publicados nas plataformas digitais da instituição. E o trabalho passa longe de ser fácil – há campi, como os de Itabaiana e Nossa Senhora da Glória, que possuem datas distintas dos demais e que necessitam de maior esforço para se ajustar da forma mais uniforme possível em um calendário que deve levar em conta ainda mais 6 sedes. Além disso, há editais de procedimentos internos, como os de transferências, portador de diploma, reintegração, vagas remanescentes, concomitantes e proeja – este último, anual. Em resumo: em qualquer época do ano, há um sem-número de servidores pensando na melhor forma de selecionar estudantes.

Uma das formas de tornar o Processo Seletivo mais conhecido e de gerar expectativa na publicação dos editais em toda a sociedade é a criação de um calendário para publicação dos documentos orientadores das seleções. E essa é uma realidade recente no IFS, cuja aplicação não excede mais de que 2 anos: no início do ano de 2018, por exemplo, já foi definido o calendário do ano letivo 2019.1 – desse modo, a comunidade já sabe que o IFS tem processo seletivo em maio e novembro e pode se programar para fazê-lo. Segundo Gildevana Ferreira, diretora de assuntos acadêmicos, essa iniciativa contribuiu para construção de uma identidade que vai resultar no interesse de um público maior em relação ao ingresso no IFS. Ainda como forma de somar no esforço de criação de uma padronização identitária, criou-se o portal do Processo Seletivo e foi reduzida a quantidade de editais. Essas implementações fizeram despertar maior interesse do público pela instituição e fez com que os objetivos fossem alcançados dentro do prazo, sem necessidade de edital para oferta de vagas remanescentes. “No processo de 2018.1, o período das inscrições levou 90 dias com prorrogação, enquanto que em 2018.2 levou apenas 21 dias, com aproximadamente a mesma quantidade de inscritos”, aponta a diretora

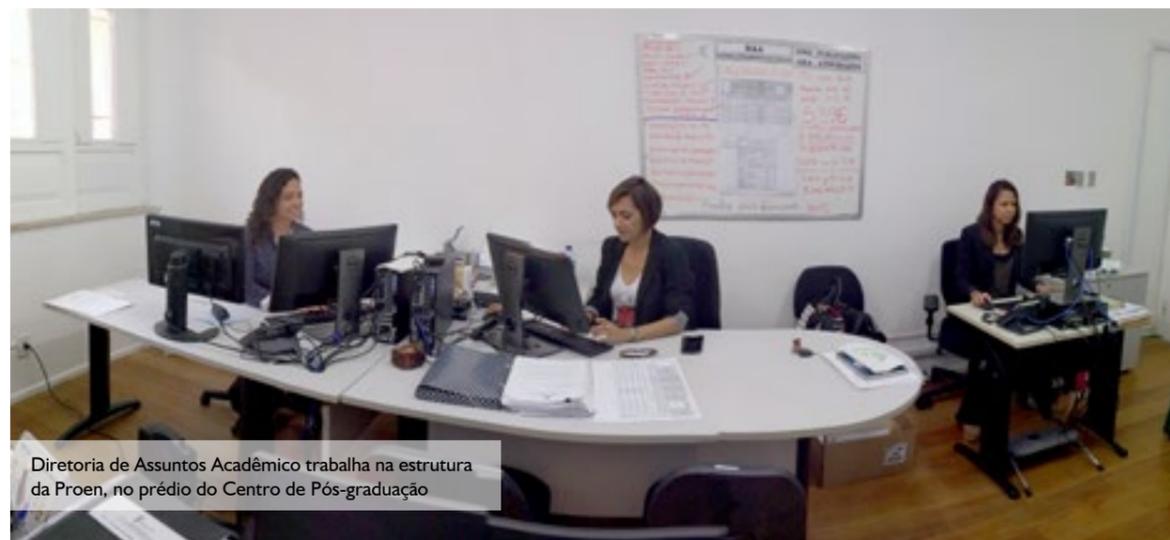
### Mapeamento

Para chegar ao resultado expressivo da última seleção, foi necessário entender anteriormente como o Processo Seletivo funciona. Foi realizado o mapeamento das atividades relacionadas ao ingresso e analisados os dados de cada ano e os seus respectivos saldos negativos e positivos – dessa forma, ficou mais fácil entender as limitações, falhas e encontrar o problema dos anos que apresentaram níveis baixos. Um exemplo ajuda a entender a importância do processo de mapeamento pelo qual atravessou a principal porta de entrada institucional de novos alunos: no ano letivo de 2018.1, o IFS teve 9 mil inscritos, mas 4 mil efetivaram o pagamento do boleto e apenas 2 mil realizaram a prova. As reduções significativas entre as fases do processo fizeram com que, das 300 vagas disponibilizadas, apenas 280 fossem preenchidas. “Compreender essas situações é um dos objetivos do mapeamento de processos”, diz Gildevana. Ela ainda lança outros olhares sobre a questão: “Com o mapeamento, identificamos que o edital é fácil de ler e alcança muitas pessoas, mas o aluno deixa para pagar o boleto na última hora. Estamos revendo essa situação e pretendemos colocar prazos mais curtos para pagamento”, afirma a diretora, que ainda observa as dificuldades financeiras como outro grande entrave à efetivação da inscrição pelos candidatos.

Após o mapeamento prévio dos processos e identificação das possíveis melhorias, entram em cena vários grupos de trabalho que possuem atribuições específicas e servem como alicerce para o alcance do objetivo de dar a maior abrangência possível à seleção de novos discentes. Hoje, são quatro: as comissões Gráfica, de Infraestrutura de Dados, de Divulgação e a permanente. Dentro desse universo dividido por atribuições específicas trabalham 18 pessoas que realizam diagramação e impressão de provas, gerenciamento do fluxo de pagamento, confecção de cartão resposta e lista de presença, divulgação junto aos campi das diretrizes do processo e análise de documentos para candidatos inscritos através de reserva de vagas ou aqueles com alguma deficiência. Para se ter ideia dos números que envolvem a seleção, por dia o IFS recebe em média 500 inscrições e responde cerca de 100 pessoas que entram em contato através das redes sociais para tirar dúvidas. O servidor Avner Pereira, analista de tecnologia da informação, pertence à comissão de Infraestrutura de Dados, e explica que durante os processos seletivos precisa trabalhar após o expediente para conseguir atender às demandas. “Por dia, dou ‘baixa’ em cerca de 300 pagamentos de inscrição. Porém mais de 50% das confirmações de quitação dos Guias de Recolhimento da União (GRU) são feitas no último dia”, aponta o analista, que também é responsável por resolver divergências cadastrais na inscrição – muitas vezes, manualmente – e a digitalização e a leitura dos cartões respostas. ►



Gildevana: a responsável por controlar a engrenagem

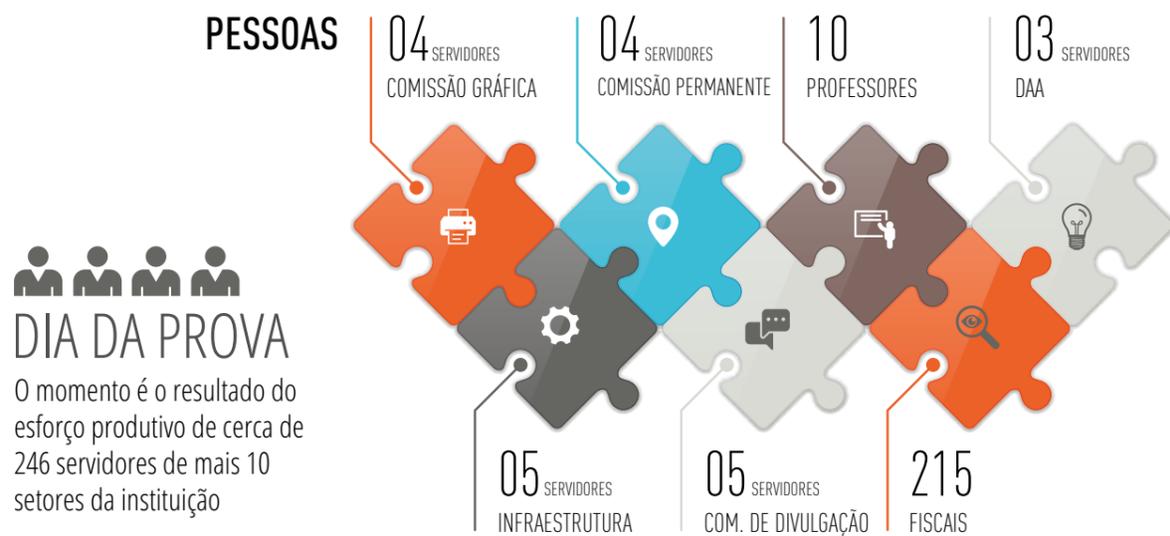


Diretoria de Assuntos Acadêmico trabalha na estrutura da Proen, no prédio do Centro de Pós-graduação

Outra etapa crucial no processo de ingresso de novos discentes e responsável por selecionar alunos com o perfil desejado pela instituição é a elaboração das provas. Nesse quesito, não tem alívio: as regras da equipe que prepara os exames são uma das mais rígidas. A dinâmica, porém, não é complexa: dez professores elaboram questões ligadas às suas áreas. No caso específico da matéria de português, o mesmo que desenvolve as proposições sugere também o tema para redação e outros dois docentes são selecionados para serem os seus revisores. Para a correção, dois professores entram em cena. E o prazo não é dos maiores: no total, são corrigidas, para cada o curso, o dobro do número de vagas ofertadas e os docentes tem, em média, 15 dias para dar conta de toda demanda. Se, por exemplo, forem ofertadas 200 vagas, 400 redações serão corrigidas. Ainda dentro da situação hipotética, os 2 professores receberiam, cada um, 200 textos para apontar

os erros e os acertos. Se trabalharem 8 horas por dia, em média, seriam corrigidas quase 25 provas dissertativa argumentativas por hora, ou 1 a cada 5 minutos.

Se as provas se encontram elaboradas e os professores já estão à postos para a fase de correção, então é sinal de que é a hora da aplicação do exame, que sozinho mobiliza mais de 200 pessoas entre fiscais, volantes e coordenadores. Esse é o momento em que os candidatos precisam mostrar sua capacidade de responder, em um período de 4 horas, 40 questões objetivas e mais uma redação que exige a elaboração de uma proposta argumentativa coerente com o tema. Após a aplicação, os servidores envolvidos com o processo seletivo seguem com os trabalhos de correção e disponibilização dos resultados. Já os candidatos, como Victor Di Fiori, cuja história abriu essa reportagem, esperam ansiosamente por um só resultado: a aprovação. **P**



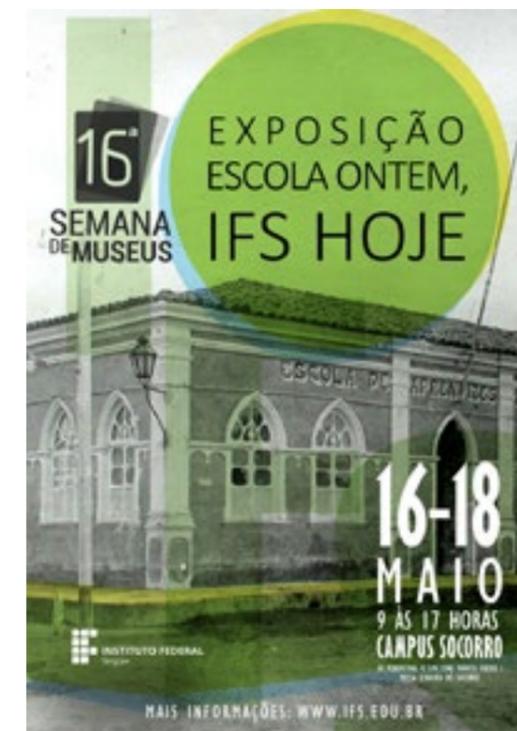
**DIA DA PROVA**  
O momento é o resultado do esforço produtivo de cerca de 246 servidores de mais 10 setores da instituição

## Encontro de gerações

Ação cultural busca incentivar o reconhecimento institucional entre os estudantes na Semana Internacional de Museus

No ano de 2016, foi dado início ao projeto de resgate memorial do Instituto Federal de Sergipe (IFS) como forma de incentivar o sentimento de pertencimento da comunidade acadêmica com a instituição. Uma das etapas dessa recuperação histórica é a realização de ações culturais em prol do desenvolvimento intelectual e do crescimento acadêmico da sua comunidade. Nos dias 16, 17 e 18 de maio, por exemplo, serão realizadas exposições fotográficas no Campus Socorro. O evento representará um encontro de épocas através da realização de oficinas que marcaram a trajetória da instituição.

A exibição de fotos também visa mostrar a evolução dos cursos e das máquinas que eram utilizadas na instituição. A exposição tem como finalidade estimular comparações entre as tecnologias antigas e as mais recentes. Para Dulce Silva, arquivista do IFS e coordenadora do evento, a construção de uma ponte entre o antigo e o atual leva à comunidade o conhecimento. “O processo de formação educacional e cultural por meio de ações museológicas contribui para manter a memória do IFS sempre viva”, declara.



### Memória

No site do IFS é possível encontrar uma página dedicada às ações institucionais de arquivologia, a qual conta com acervo fotográfico e entrevistas históricas. “O empenho dos profissionais responsáveis em preservar a memória contribuiu para o crescimento e enriquecimento cultural da academia”, aponta Dulce, explicando ainda que uma das principais finalidades do museu é manter viva a trajetória e reconhecer figuras que foram significativas para o desenvolvimento institucional.

O IFS atualizou suas atividades arquivistas nas plataformas digitais as quais podem ser acessadas através do site da instituição. Segundo Dulce, adaptar-se às novas tecnologias é uma forma de ampliar recursos e melhorar o fluxo das informações no ambiente virtual. “As instituições museológicas buscam cada vez mais dialogar com esses novos recursos para não perder espaço. Os museus precisam aprender a trabalhar com o mundo virtual, pois a hiperconectividade é uma das principais características da nova geração. É preciso buscar meios nos quais os seus conteúdos sejam facilmente acessados”, conclui. **P**

## DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS

(18 DE MAIO)

O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) realiza a 16ª Semana Nacional de Museus (14 a 20 de maio) – ação cultural viabiliza impulsionar atividades e oficinas para as comunidades e conta com conteúdo online.



Organizadores e espectador da obra cinematográfica debatem alegremente sobre a experiência

Rafael Maurício

## Quando a escola faz o seu dever de casa

*Projeto de cultura e arte é exemplo do compromisso social do IFS com uma educação que vai além da transmissão de conteúdos programáticos*

Antes das 19h, dona Zolaide já estava em pé, na entrada da Associação de Pequenos Produtores Rurais de Tanque de Pedra, aguardando ansiosamente pela chegada da equipe. “Viram que eu cheguei antes de vocês?”, disse a anfitriã, com um sorriso largo no rosto. No dia anterior, foi ela quem cuidou da divulgação, distribuindo os panfletos que convidavam a comunidade para uma sessão especial de cinema. O povoado, distante cerca de 8 km da cidade de Nossa Senhora da Glória, em Sergipe, recebeu na última terça-feira, o projeto de extensão Cinema Cartográfico: regionalização e territorialização no sertão. A iniciativa, que propõe uma imersão cultural, estética e artística através do cinema, prevê a exibição de seis filmes em diferentes comunidades do entorno de Glória e terá, como produto final, um curta metragem que contará um pouco dessa experiência a partir do olhar de personagens escolhidos durante as sessões.

Para os moradores do Tanque de Pedra, a produção escolhida foi o documentário “Vou rifar meu coração”, um longa que faz uma viagem pelo imaginário romântico brasileiro a partir da música brega, trazendo depoimentos de cantores consagrados e relatos da vida amorosa de pessoas comuns, inclusive com cenas gravadas em Glória e Monte Alegre, em Sergipe. Aos poucos, a sala de cinema improvisada na sede da associação foi sendo ocu-

pada por gente de toda idade e a sessão, que a princípio parecia não ter despertado o interesse dos sertanejos, completou sua lotação máxima. Vinham de dois em dois, grupinhos e famílias, cruzando a praça, cada um com sua cadeira. Entravam timidamente e iam se acomodando. Até um grupo de rapazes que se divertia numa competição de sinuca num bar ao lado não resistiu aos flashes e sons que vinham lá de dentro: começaram se espreitando pela porta e, em pouco tempo, estavam lá, sentados com os olhos fixos na tela. Dentro do espaço escuro, o silêncio reinava absoluto - a atenção dos espectadores causou a admiração e até a preocupação da equipe que coordenava a exibição: “será que que eles estavam gostando?”, perguntaram-se.

A resposta foi revelada segundos após as luzes se acenderem, quando foi possível ver a expressão dos quase 50 espectadores que estavam ali. Dona Zolaide iniciou os comentários: “Eu gostei!”, disse assim que a pedagoga Jéssica concluiu seu agradecimento à comunidade. “Porque escolheram esse filme? Vocês acham que a gente é romântico?”, disparou o espectador Anderson, sendo respondido imediatamente pela esposa. “Você é sim! Estava assistindo lá na frente e depois veio para o meu lado para ficar de mãos dadas”. Anderson confirmou aos risos. Pouco a pouco as opiniões

iam sendo compartilhadas e a comunidade ia interagindo e revelando suas impressões sobre o filme. “Ver aquelas pessoas tomarem a exibição como um compromisso, conseguir que elas se afastassem por 2 horas da TV Globo, reuni-las em frente a uma tela, em cadeiras desconfortáveis, para assistir a um filme brasileiro de pouca circulação comercial e ainda ouvir elogios, não tem preço!”, comentou Jéssica, idealizadora do projeto. Para ela, poder oferecer mais do que educação formal através de uma experiência cultural e estética para a comunidade é algo muito gratificante. “Quando se trata de cinema e escola, não devemos restringir somente à função didática do filme, mas difundir a ideia de experiência por deleite, por prazer, e não obrigação. Poder unir o cinema e a comunidade foi muito emocionante e ver que o projeto saiu do papel e tomou corpo e voz é inexplicável” conclui Jéssica, que também é pedagoga.



Moradores do povoado não tiram os olhos da telona

Rafael Maurício



Alunos interagem antes da sessão

Rafael Maurício



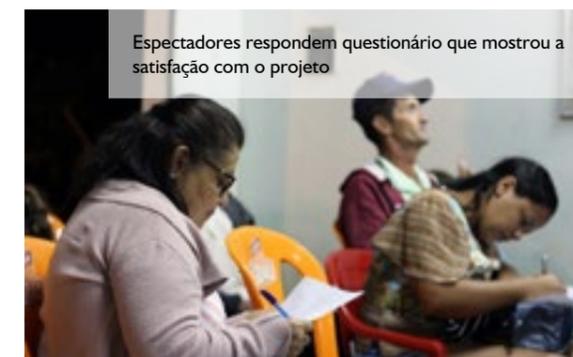
Silêncio absoluto e olhares atentos dos espectadores

Rafael Maurício



Moradores chegam timidamente ao local de exibição

Rafael Maurício



Espectadores respondem questionário que mostrou a satisfação com o projeto

Rafael Maurício

### Pesquisa

Após as discussões, foi aplicado um questionário com o qual foi possível comprovar o que a pedagoga já suspeitava: algumas pessoas nunca tinham ido a uma sala de cinema, realidade igual a de 15 entre 37 alunos de duas turmas do Campus Glória, segundo levantamento feito antes da elaboração do projeto. Essa constatação traz um significado ainda mais especial à iniciativa, pois está possibilitando para muitos vivenciar o cinema pela primeira vez, não só como um ato contemplativo, mas também como uma ação de feitura, já que eles também serão personagens do curta que será produzido.

Rafael Maurício, assistente administrativo e coautor do projeto, conta que foi muito interessante ver a adesão e a identificação do público com o filme exibido. “Me chamou a atenção o comentário de que as pessoas não participariam por causa da novela, o que demonstra que a gente, às vezes, cria uma percepção equivocada de que as pessoas só gostam de um tipo de conteúdo, quando, na verdade, nós percebemos que é muito mais uma questão de acesso”, observou Rafael, que também é estudante de cinema. Para ele, o projeto é uma forma de levar o nome do Instituto Federal de Sergipe (IFS) para as comunidades, possibilitando o contato com diferentes realidades e mostrando que a educação não tem um direcionamento único.

Ao final das discussões, quando muitos já tinham ido embora, dona Zolaide vem se despedir da equipe e, em tom saudosos, pergunta: “E agora, quando é que vocês voltam?”

Qual é o seu talento?

## Andrêzza: Violão, triângulo e mochila

Acervo Pessoal



Dois anos recheados de viagens e música

Desde criança, comecei a ter contato com a música. Primeiro, como ouvinte, pois nasci numa família devoradora de boas canções. Aos dois anos, eu já cantava muitas músicas pela casa com minha mãe, minhas tias e meus tios. Gosto de ver também apresentações musicais na primeira fila, seja num teatro, numa casa de shows ou numa praça para ver de perto a interpretação dos cantores e a execução dos músicos. Ainda na infância, minha mãe começou a me presentear com instrumentos de brinquedo, como piano, cítara, flauta. Já com uns 8 anos, ela me deu um piano maior, mas ainda de brinquedo, que era de cauda, tinha 22 teclas, e era branco, lindo, e ainda vinha com um banquinho. Eu me sentia a própria pianista da orquestra.

Na mesma época que ganhei o instrumento, a minha mãe me levou a um centro cultural da minha cidade natal para me matricular num curso de piano. Mas, para minha tristeza, a matrícula foi negada por eu não dispor de um piano “de verdade”. Ora, o meu tinha 22 teclas, era lindo e eu tocava nele. Foi muito frustrante! Como minha mãe não tinha condições de comprar um piano profissional, ela e dois tios meus tiveram a ideia de comprar um violão e me matricular em um curso. Nossa, aquilo foi um desastre! Eu era muito apaixonada pelo piano e tive uma total repulsa ao violão. Minha mãe me matriculou mesmo assim

e eu, ao invés de assistir às aulas, deixava o violão na sala de aula e ia brincar num parquinho em frente. O bendito violão ficou em casa, guardado. Em 98, comecei a fazer dança numa companhia folclórica da cidade, depois em outra, e passei a transitar no meio artístico. Passei a conhecer mais pessoas que tocavam violão e, convivendo com elas, mais uma vez fui despertando o interesse. Foi aí que comecei a aprender algumas músicas fáceis de tocar que eu também gostava de cantar.

Em 2000, fui convidada para fazer teste numa companhia de teatro e ali atuei por um ano. Com uns seis meses na companhia, fui designada pelo diretor para aprender a tocar triângulo para encenarmos uma peça de rua com música ao vivo, na qual nós, atores, executaríamos. Ali, começava a minha relação com a percussão e o meu afastamento mais longo do violão - eu me encontrei com a música e percebi que, muito mais do que dançar e atuar, minha ligação com o palco era predominantemente musical. E descobri no triângulo a minha maior vocação musical.

Um produtor musical que era meu amigo e tinha uma escola de música me presenteou com cursos de Técnica Vocal, Ritmo 1 e Ritmo 2. A partir do estudo da música, comecei a desenvolver outras habilidades e passei a fazer vocal e experimentar outros instrumentos, como ganzá, agogô, pandeiro, pandeiro, bombo leguero e instrumentos de percussão de efeito, como o carrilhão e pau de chuva. O violão, a essa altura do campeonato, vivia mais encostado do que nunca.

Até 2012, minha relação com a música era predominantemente percussiva. Quando cheguei em Nossa Senhora da Glória me matriculei num curso de violão popular e aquela relação frustrada com o instrumento na infância foi transformada em uma relação de amor e entrega. Acredito que, devido à minha ligação fortalecida com a música durante 12 anos com a percussão e o canto, o estudo com o violão passou a se dar com muita fluidez.

Outro fator que me levou a voltar a estudar o violão foi o desejo de tirar uma licença não remunerada do serviço público para fazer um ‘mochilão’ pelo Brasil. Eu ia sair pra ‘mochilar’ sozinha, então, para ter autonomia com a música, eu quis aprender a tocar algum instrumento de harmonia que eu executasse com o canto. Durante três anos, viajei com mochila, violão, triângulo, pandeiro e ganzá pelas cinco regiões do país, cantando, tocando, passando o chapéu, também subindo em alguns palcos e recebendo cachês, mas, majoritariamente, intercambiando música com mochileiros ou não de diversas partes do Brasil e do mundo que conheci nos lugares por onde passei.

Ahhh, e o piano? Esse continua na minha lista de desejos, agora juntamente com a bateria. **p**